

# Os desafios de enfrentar a obra bourdieusiana hoje

*The challenges of dealing with Bourdieusian work today*

Olga Nancy Peña Cortés

## RESUMO

Pierre Bourdieu é conhecido como um dos mais importantes sociólogos do século passado. A apropriação da obra por diversas áreas do conhecimento e a utilização da teoria em diversas pesquisas tem propiciado uma miríade de publicações de toda ordem. O risco da proliferação de publicações é a de canonizar ou desprezar o autor. A fim de não incorrer nem em um lado nem em outro, Loïc Wacquant propõe a mimesis como um antídoto. Entende-se a mimesis como um processo ativo que pode tanto ampliar ou transformar o referencial ao qual se vincula. A partir da colocação de Wacquant, a proposta do presente artigo é compreender o *modus operandi* bourdieusiano. Para tal, se contextualiza os pontos principais da trajetória social do autor de maneira que oferte uma visão a respeito dos elementos que permitiram construir sua própria teoria. A compreensão do *modus operandi* atrai o entendimento sobre a noção de *auctor* e *lector* a fim de tecer algumas considerações a respeito dos desafios que o pesquisador e pesquisadora da obra enfrentam em tempo acadêmicos nebulosos. O estudo se apresenta na forma de uma pesquisa bibliográfica, cujo tom ensaístico advém da posição filosófica do qual se origina.

**Palavras-chaves:** Auctor; Lector; Modus operandi; Pesquisador ativo

## ABSTRACT

Pierre Bourdieu is known as one of the most important sociologists of the last century. The appropriation of the work by different areas of knowledge and the use of theory in various researches have provided a myriad of publications of all kinds. The risk of the proliferation of publications is that of canonizing or despising the author. In order not to fall on one side or the other, Loïc Wacquant proposes *mimesis* as an antidote. Mimesis is understood as an active process that can either expand or transform the referential to which it is linked. Based on Wacquant's position, the purpose of this article is to understand the Bourdieusian *modus operandi*. To this end, the main points of the author's social trajectory are contextualized in a way that offers a view of the elements that allowed him to build his own theory. Appreciating the *modus operandi* attracts an understanding of the notion of author and reader in order to make some considerations about the challenges that the researcher and researcher of the work face in hazy academic times. The study is presented in the form of a bibliographical research, whose essayistic tone comes from the philosophical position from which it originates.

**Keywords:** Auctor; Lector; Modus operandi; Active researcher


### INFORMACIÓN:

<http://doi.org/10.46652/runas.v2i4.53>  
ISSN 2737-6230  
Vol. 2, No. 4, 2021. e21053  
Quito, Ecuador

Enviado: octubre 20, 2021  
Aceptado: diciembre 06, 2021  
Publicado: diciembre 13, 2021  
Sección Dossier | Peer Reviewed  
Publicación continua



### AUTORA:

 *Olga Nancy Peña Cortés*  
Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Brasil  
[olga.cortes@acad.pucrs.br](mailto:olga.cortes@acad.pucrs.br)

### CONFLICTO DE INTERESES

Declaro para os devidos fins que não existe conflito de interesse.

### FINANCIAMIENTO

Não existe ajuda financeira de partes externas ao presente artigo.

### AGRADECIMIENTO

N/A

### NOTA

O presente artigo não é oriundo de nenhum trabalho anterior.

### PUBLISHER

## 1. Introdução

Considerado um dos mais importantes sociólogos do século passado, Pierre Bourdieu é considerado um dos autores mais citados nas mais diversas áreas do conhecimento em vários países (Berlattel & Grill, 2020; Campos & Szwako, 2020; Medeiros, 2013). Sua obra tem sido alvo de uma miríade de publicações de artigos e livros, assim como também de pesquisas dissertativas e doutorais nas mais diferentes áreas do conhecimento. A obra propriamente dita se vê aquecida com a publicação nos últimos dez anos dos cursos proferidos no *Collège de France*, o que será enriquecido com o acesso a pesquisadores ao acervo documental em curso operado pela *Fonds Pierre Bourdieu* (EPHE – Paris). Acrescenta-se a reedição em janeiro de 2021 do livro esgotado *Travail et travailleurs en Algérie* (1963), a tradução em 2017 para o público hispânico de *Le déracinement* (1964), o lançamento do *Dictionnaire international Pierre Bourdieu* (2020) e a tradução recente de Sociologia Geral (2021) dos cursos do *Collège de France* para o público brasileiro, apenas para destacar alguns dos acontecimentos editoriais mais recentes. À luz do conjunto dessas iniciativas torna-se possível afirmar que a obra de Pierre Bourdieu carrega consigo uma potência ainda a ser revelada.

Ao considerar o estado da arte, a pesquisa da obra exige do pesquisador e da pesquisadora o cuidado e a atenção para superar a ampla gama de comentadores, intérpretes e críticos a fim de encontrar Bourdieu por ele mesmo. Significa entender que no mercado dos bens simbólicos, a demasiada oferta pode obnubilar a própria obra. Com isso, torna-se relevante realçar dois alertas realizados por Loïc Wacquant (2016), a saber, a padronização da obra e a respectiva visão condicionada e, principalmente a tendência em desprezá-la ou em cultuá-la. A fim de não incorrer nem em um lado nem em outro, o autor propõe a “*mimesis* e não a exegese” (Wacquant, 2016, p.12) como o caminho para desafiá-la e colocá-la em andamento. O conceito de *mimesis* percorre um longo caminho na tradição filosófica, no entanto, o entendimento de *mimesis* que a colocação de Wacquant inspira conduz à concepção proposta por Paul Ricoeur. Importa realçar o entendimento de mimese como um processo capaz de ofertar tanto um deslocamento da obra como uma ampliação ou mesmo transformação do referencial ao qual se vincula (Ricoeur, 2010). Significa compreendê-la como uma ação que deve extrapolar a referência a fim de extrair da obra seu potencial impensado.

Como seguir a provocação de Wacquant para o enfrentamento da obra sem cair no senso comum da acrítica ou da crítica excessiva? O *modus operandi* de um autor geralmente é um tema que permanece subentendido na pesquisa da obra como algo evidente, no entanto o artigo de Loïc Wacquant (2016) deixa uma possibilidade em aberto. Para além de entender uma obra em seus fundamentos teóricos, tal obra merece ser entendida a partir do processo criativo que a gerou, ou seja, a partir da perspectiva do autor enquanto autor de um pensamento que extrapola a área de conhecimento na qual surgiu. Ao trazer a *mimese* como uma saída para não incorrer na tendência de totalizar a obra bourdieusiana o que pode gerar tanto atitudes depreciativas como idólatras, Wacquant instiga a possibilidade de investigar o *modus operandi* de Pierre Bourdieu. Compreender o seu *modus operandi* vem ao encontro de compreender a *pro-vocação* que Bourdieu deixa como legado para seus pesquisadores, qual seja, a de romper com pré-concepções a seu respeito e assumir a postura de um pesquisador ativo.

O *modus operandi* bourdieusiano, portanto, é o objeto desta pesquisa para o qual se contextualizará os pontos principais da trajetória social de Pierre Bourdieu de maneira que possa oferecer uma visão a respeito dos elementos que lhe permitiram construir sua própria teoria. Compreender seu *modus operandi* atrai o entendimento a respeito da sua noção de *auctor* e *lector* com a qual se pretende tecer as considerações finais a respeito dos desafios que o pesquisador e pesquisadora de sua obra enfrentam em tempos acadêmicos nebulosos.

## 2. Metodologia

O artigo proposto é elaborado no escopo de uma pesquisa filosófica. Em razão disso, o estudo delimita-se a uma pesquisa bibliográfica composta por fontes primárias e secundárias (Folscheid & Wunenburger, 2006), as quais foram selecionadas pela vinculação ao tema apresentado. A seleção da bibliografia primária privilegiou as obras de Pierre Bourdieu em seu idioma original, sempre que possível. As fontes secundárias são compostas por obras de comentadores, bem como de artigos acadêmicos, cuja seleção obedece a sua pertinência e enriquecimento da proposta. Como método, aplicou-se a leitura analítica (Folscheid & Wunenburger, 2006) das obras e artigos escolhidos.

## 3. O *modus operandi* bourdieusiano como ponto de referência

Dorte (2008) refere que a obra de Bourdieu instiga uma miríade de possibilidades as quais alcançam significância a partir do princípio da inexistência das ideias puras. A impureza das ideias, portanto, se refere ao enraizamento no solo do mundo desse par imbricado indivíduo e sociedade. Não há ideias puras da mesma forma que não existem teorias sem seus autores e ambos não existiriam sem a vinculação ao contexto do qual participam. No contexto da autosocioanálise proposta por Bourdieu, a autoanálise do sociólogo só ganha sentido e significado se está compreendida no *champ avec lequel on s'est fait* [campo com o qual nós nos fazemos] (Bourdieu, 2004, p. 14). Isto é, à luz de uma socioanálise contemplada pela objetivação de suas experiências pessoais fonte da qual emergem as indagações teóricas.

No campo intelectual francês dos anos cinquenta, período de sua formação, estudar e fazer filosofia implicou adentrar em um espaço social marcado por densas disputas intelectuais. Essas disputas giravam em torno, principalmente, das duas grandes correntes existentes no momento: o existencialismo sartriano e o estruturalismo levistraussiano, ambos convivendo com a epistemologia histórica bachelardiana, a fenomenologia husserliana e a filosofia heideggeriana (Baring, 2011; Schrift, 2006; Grenfell, 2004). Somam-se as disputas ideológicas ali presentes entre grupos marxistas, comunistas e grupos católicos, os quais também exigiam um posicionamento (Baring, 2011). Em tal contexto, não pertencer a nenhuma dessas correntes filosóficas e políticas lhe permitiu o distanciamento objetivado a fim de exercer a autonomia junto com outros intelectuais afins no grupo independente que formaram (Bourdieu, 1990; Baring, 2011). Aprender e apreender o ofício filosófico se inter-relacionava com as lutas e disputas que ocorriam no interior do campo intelectual.

O ponto zero de sua teoria ocorre no período argelino na segunda metade dos anos cinquenta quando Bourdieu abandona a carreira iniciada na filosofia e passa a dedicar-se paulatinamente

à elaboração de uma sociologia de combate. Isto é, uma sociologia que pudesse fornecer conhecimento a respeito dos mecanismos velados que estruturam a sociedade (Bonnewitz, 2006). A guinada na carreira profissional, denominada como uma “conversão do olhar” (Bourdieu, 2004) só foi possível pelo despertar a respeito de sua própria condição de estrangeiro em terras francesas—já que não pertencia nem mais à sua região de origem nem ao contexto intelectual parisiense—que o encontro com uma população empobrecida e marginalizada lhe propiciou. Em outros termos, a Argélia forneceu as condições de possibilidade que precisava para paulatinamente se depurar do estilo dissertativo da filosofia (Bourdieu, 2015b), a qual ocorre à medida que vai delineando a trajetória intelectual que lhe interessa seguir. Igualmente pode-se entender que na conversão do olhar se opera a transição de *lector* para *auctor*. A Argélia na vida de Bourdieu foi o divisor de águas possível pelo encontro feliz do *habitus* com o campo possibilitando erguer seu próprio tom e traçar seu próprio caminho a partir da experiência argelina.

A maneira como enfrentou o período de formação, contudo, dá-se por meio de uma condição que muitas vezes escapa à compreensão: a posição *d'être en porte-à-faux* vinculada à condição de trânsfuga de classe. Uma condição que o colocava no espaço do *entre* mundos sociais adversos com os quais convivia. Andar na corda bamba, no desequilíbrio de uma pertença ameaçada pelo sentimento de inadequação e de estranheza não iniciou com a entrada na *École normale supérieure*, mas pode se dizer que foi nesse período parisiense que se consolidou. Bourdieu frequentou um internato em Pau, no interior francês, antes de se deslocar para Paris a fim de se preparar para o exame de admissão da instituição acima referida. (Bourdieu, 2004; Grenfell, 2004; Lescourret, M-A; 2008). Portanto, *être en porte-à-faux* responde a uma maneira de ser e de estar no mundo singular demonstrada via uma acentuada dose de inconformidade, de rebeldia e de ousadia. Acrescenta-se, ainda, uma acentuada curiosidade intelectual e uma sensibilidade apurada para os temas sociais. Características que são vistas pelo autor como o resultado da relação de sua trajetória social com a origem social e regional. (Bourdieu, 2002)

O somatório disso se encontra no transfundo do posicionamento contra corrente que assume no campo intelectual. Bourdieu (2001, s.p.) refere que sempre buscava agir contrariamente ao que o contexto ditava: *Par exemple, à l'époque où tout le monde citait Marx, je citais Weber exprès .... Je crois qu'une partie de mes réticences, des mes prudences, des mes retenues, étaient réactionnelles* [Por exemplo, na época onde todos citavam Marx, eu citava Weber ... Eu acredito que uma parte das minhas reticências, de minhas prudências, de minhas resistências eram reacionais]. Essas confissões inconfessáveis sinalizam, por outra parte, uma maneira de se posicionar que lhe permitia romper com expectativas acadêmicas. Bourdieu agiu dentro do campo intelectual francês na esteira do que ele mesmo dizia: *Secouez-vous les structures* [Abalem as estruturas] (2015b) sem, no entanto, romper com o campo do qual participava.

Aruptura não ocorre com o campo intelectual, mas ocorre tanto com a trajetória profissional traçada por Georges Canguilhem (Bourdieu, 2004) ou com Raymond Aron (Joly, 2015) como também com uma forma aprendida e apreendida de pesquisar filosoficamente: a escolha do objeto, a escolha da escola filosófica, do autor/autores, a maneira de ler e escrever filosoficamente. A postura *contra corrente* somada à experiência argelina forja outra maneira de pesquisar permitindo-lhe aliar teoria e prática. Mais do que isso, permite-lhe depurar-se do estilo dissertativo da filosofia

forjando um estilo próprio, valendo-se da linguagem que aprendera, mas ofertando-lhe novos sentidos (Bourdieu, 2015b). Além disso, e, talvez o mais relevante, é que tudo isso lhe permite assumir a postura de *auctor*. O que significa tal postura? Significa que Bourdieu assume uma postura ativa na maneira como operava a leitura dos mais diversos autores que frequentou, permitindo igualmente superar correntes diferentes de pensamento a fim de se ater ao problema de pesquisa que lhe interessava.

Referindo-se ao *modus operandi* que operou em suas pesquisas, Bourdieu coloca que *think, at the same time, against him or her. This means that, in a radical way, we have to challenge the classificatory, and hence political, logic in which – almost everywhere – relations with the thoughts of the past are established* [pensar, ao mesmo tempo, contra ele ou ela. Isso significa que, em um caminho radical, nós temos que desafiar a lógica classificatória e, portanto, política com a qual – quase em todos os lugares – se estabelecem relações com os pensamentos do passado] (Bourdieu, 2011, p. 114). Pensar *com e contra* um autor foi possível a partir do somatório acima citado com o qual assume a autonomia intelectual para a construção de sua teoria. Com tal autonomia, Bourdieu não se restringe a buscar os recursos necessários para efetuar suas pesquisas: testes psicológicos, fotografias, assim como recursos estatísticos. Igualmente é relevante destacar a incorporação de elementos próprios do fazer filosófico que é o espírito questionador a respeito do ser e do estar no mundo. Pode-se dizer que o senso filosófico conduziu as ações intelectuais voltadas para a elaboração de sua própria teoria, uma teoria autoral. Disto talvez decorra a dificuldade de classificar sua teoria em alguma linha pré-existente. Em sua obra encontrar-se-ão traços dos mais diversos autores que leu sempre à luz do *pour et contre*.

Se por um lado, a formação filosófica lhe possibilitou lapidar seu espírito crítico, por outro lado a virada para a sociologia lhe possibilitou elaborar as armas do conhecimento prático com o qual almejava intervir no mundo social. Disto também resulta o desafio para os pesquisadores de sua obra, os quais são convocados a superar,

...a lógica de sua formação para tratar as obras herdadas do passado como uma cultura, isto é, como um tesouro que se contempla, que se venera, que se celebra [...] e não como um capital produtivo que se investe na pesquisa, para produzir resultados (Bourdieu, 1990, p. 43).

Significa compreender que enfrentar este autor é uma tarefa tão complexa quanto sua teoria. Exige uma vigilância epistemológica constante e, disto os desafios não se encerram no acesso à obra, principalmente para os estudantes e pesquisadores e pesquisadoras oriundos de outros países que não a França.

#### 4. *Auctor e lector na perspectiva bourdieusiana*

O tema do autor e do leitor, o comentador especializado, pode ser considerado um tema transversal ao longo da obra bourdieusiana. Tal tema, contudo, se insere nas discussões suscitadas pelo advento do estruturalismo no campo intelectual francês. O estruturalismo que adentrara na França dos anos cinquenta pela antropologia estruturalista de Claude Lévi-Strauss alcança seu apogeu nas décadas seguintes sendo incorporado a várias áreas do conhecimento: psicanálise,

filosofia, literatura, entre outras. (Dosse, 1993). A consequente problematização do sujeito trazida pelo estruturalismo levi-straussiano foi o polo de atração em um contexto intelectual do pós-guerra, cujo questionamento dirigia-se a relação indivíduo e sociedade sob a perspectiva das categorias da ação, da liberdade e da consciência. (Worms, 2009). Nesse contexto, a supremacia da estrutura sobre o sujeito trouxe entre várias consequências a problematização da criatividade, da originalidade e da autoria da qual decorre a proclamada morte do autor em Roland Barthes (1968) e a consequente pergunta-resposta sobre o que é um autor em Michel Foucault (1969).

Essa problematização não é indiferente a Pierre Bourdieu. Contudo, a problematização das noções de autor e de leitor é realizada sob o viés da crítica à maneira como o campo intelectual reproduz, geração após geração, a lógica de sua produção intelectual. Uma crítica que aparece pontualmente em *Méditations pascaliennes* (1992) quando se refere às glosas filosóficas, dissertações que mantêm os filósofos tradicionais sendo lidos e interpretados sem a reflexividade necessária para o avanço da própria filosofia. Portanto, pode-se dizer que a preocupação bourdieusiana com esse tema diz respeito a maneira como as obras são recepcionadas. Na visada bourdieusiana podem-se erguer as seguintes perguntas: quem lê, por que lê e para que lê determinada obra. Acrescentando-se ainda o momento em está lendo, com quais recursos, com qual bagagem e em que contexto (Bourdieu, 1990).

Bourdieu vale-se dos termos *auctor* e *lector* em latim não como mera erudição, mas pode se compreender à luz do destaque que visava para trazer à tona a questão sobre a maneira como se enfrenta um autor. Crítico da postura escolástica dos intelectuais, Bourdieu acena para o questionamento a respeito da formação acadêmica dos mesmos. De que maneira a ciência do conhecimento pode avançar quando se encontra presa aos ditames tradicionais? Antoine-Mahut & Lézé (2017), referem-se ao desafio de enfrentar os cânones e a tendência consolidada a classificá-los como clássicos sob a perspectiva de modelos a serem seguidos. Em certa medida, modelos que se enrijecem e engessam possibilidades de encontrar na potência das obras os caminhos para indagar e tecer respostas às demandas do tempo em que estão sendo lidas. Uma herança que, em acordo aos autores, não é questionada e, com isso, se reproduz sem se perceber, algo que forja uma maneira de pesquisar descontextualizada do enredo que fora produzida (Antoine-Mahut & Lézé, 2017). Portanto, a passagem de *lector* para *auctor* é uma passagem que passa na inter-relação entre trajetória pessoal e formação acadêmica, esta última, mais relevante do que a primeira.

Ler e escrever se constituem em um par inter-relacional na vida de todo e qualquer intelectual e acadêmico e, portanto, pode-se dizer que a maneira de ler e de escrever expressa a maneira de ser e de agir no meio social. Constituem-se em uma prática social. O ato de ler e o ato de escrever assim como também o ato de falar são ações geralmente esquecidas enquanto tal tornando-se tão evidentes que negamos a rede relacional que as inspira. Ler, escrever e falar via debates e apresentações de trabalhos são as ferramentas que os pesquisadores e pesquisadoras possuem para posicionarem-se no mundo acadêmico. Enquanto a oralidade permite a reafirmação do pensamento, o esclarecimento que pode desmanchar maus entendidos, o debate de propostas e a modificação posterior de rumos na pesquisa (Bourdieu, 2015b), a escrita codifica um pensamento, estabelece fronteiras nítidas, cuja publicação é o “ato de oficialização” (Bourdieu, 1990, p.103). Isto é, torna público mais do que um conteúdo, na realidade torna pública a maneira de pensar e de agir do leitor que a escreveu.



Bourdieu não despreza a condição de *lector*, mas é relevante destacar que seu questionamento dá-se à maneira como as obras são recepcionadas, a qual se dá por meio do exercício da leitura. Na maioria das vezes, o incentivo ao enfrentamento de autores inseridos no escopo acadêmico dá-se via a ênfase ofertada ao arcabouço pré-dado por comentadores das obras. (Bourdieu, 2016; Bourdieu, 1990). A própria escolha de quais comentadores e críticos são consultados muitas vezes não é questionada na medida em que se inserem rede relacional da academia. Bourdieu destaca o duplo papel que o professor-pesquisador assume quando exerce a docência, cuja duplicidade gera um “[...] double jeu parce que on peut prendre les profits des deux possibilites” [... duplo jogo porque se pode assumir os benefícios das duas possibilidades]. (Bourdieu, 2016, p. 17). Nesse sentido, interessa destacar a posição que o docente – tanto professor como professor-pesquisador – ocupa no interior do campo universitário, um campo social com suas próprias lutas e disputas, as quais conduzem as ações pedagógicas.

A crítica bourdieusiana não prescinde da relevância dos *lectores* comentadores, mas dirige-se à ênfase ofertada a uma prática que se encontra enredada em sua própria história, a qual é repetida sem ser suficientemente problematizada. O que entende Bourdieu por *lector*? Bourdieu propõe duas possibilidades para o *lector* aquele cujas ações se dirigem para canonizar dado pensador ou mantê-lo encerrado no status de cânone existente e aquele que vai ler para fazer alguma coisa com esse pensador. Trata-se de um leitor ativo, o qual por meio de suas ações se empenha em *faire des sortes de mises au point synthétiques qui, non réductrices, non destructives [...] feraient avancer d’une certaine façon le savoir en le rendant plus facilement cumulable* [fazer algum tipo de elaboração sintética que, não redutora, não destrutiva ... faria avançar de alguma maneira o saber ao torná-lo mais facilmente acumulável] (Bourdieu, 2016, p. 17). Fazer frente ao autor para fazê-lo trabalhar em prol do avanço do conhecimento, ir adiante com as ferramentas teóricas que foram apreendidas e aprendidas de dado autor. Significa compreender que um leitor não deveria se limitar a ofertar voz ao autor em questão por meio de citações, mas valer-se *de l’effort de pensée* [do esforço de pensar] (Bourdieu, 1996, p. 14) do autor, para avançar na pesquisa e na área de conhecimento.

Na contrapartida, para realizar a passagem de *lector* reproduzidor do discurso de outrem para um *lector* interpretativo e, deste para *auctor* pode ser compreendido como algo processual. Na perspectiva bourdieusiana, a passagem de *lector* ativo para *auctor* compreende-se à luz da proposta de socioanálise. Importa para aquele que está instigado a avançar, a ser *auctor*, ou seja, alguém imbuído em ofertar avanço para sua área de conhecimento por meio do esforço em superar as leituras pré-estabelecidas e consolidadas a fim de fazer jus ao autor em questão. Um esforço que se alicerça no conhecimento da trajetória social do próprio pesquisador em conjunto com o conhecimento da trajetória do social do autor. Conhecer os campos sociais aos quais dado autor pertenceu, quais questões estava respondendo com a elaboração de seus textos, por que se valia de certas palavras em detrimento de outras, entre outras questões. Romper com uma leitura evidente, naturalizada de uma obra exige uma dose de ousadia respeitosa na linhagem do que Bourdieu dizia a respeito de Michel Foucault: *Donc il faut avoir un rapport défétichisé aux auteurs, ce qui ne veut pas dire ‘non respectueux* [Portanto, é preciso ter uma relação desencantada com os autores, o que não quer dizer ‘não respeitosa’] (Bourdieu, 1996, p. 14). Nesse sentido,

Bourdieu demonstra preocupação como seus seminários serão recepcionados por um público heterogêneo como fora o público do *Collège de France*. Sua preocupação mistura-se a uma espécie de crítica, a seguir suas palavras:

*[...] faire avancer le savoir et à présenter les derniers résultats ou le dernier état du savoir, au moins sur tel ou tel point. Cette tâche n'est pas facile non plus parce que la sociologie, comme toute science je pense, a des pseudopodes, des avancées dans de directions très différentes. À partir de socle de compétences communes à des gens apparemment très opposés [...] il y a des pointes, des avancées. Mais peut-on communiquer ces pointes en supposant connu ce corps d'acquis? [...] Je pense qu'elles peuvent être utiles pour orienter l'usage que vous pouvez faire de ce que je pourrais dire. [... fazer avançar o saber e apresentar os últimos resultados ou o último estado do saber ao menos sobre este ou aquele ponto. Essa tarefa não é fácil porque a sociologia, como toda ciência, eu penso, tem pseudópodes que avançam em direções muito diferentes. Há picos, avanços a partir de uma base de competências comuns a pessoas aparentemente muito opostas. Mas, podemos comunicá-los supondo que esse corpo de aquisições é conhecido? ... Eu penso que eles podem ser úteis para orientar o uso que vocês podem fazer disso do que eu poderia dizer]* (Bourdieu, 2016, p. 18).

A crítica velada dirige-se à maneira como se recebe o próprio avanço do conhecimento de qualquer área, na medida em que implica uma base comum de conhecimento (capital científico e cultural) que possa ofertar pontes a fim de serem eficientes e eficazes na recepção de tais avanços. Em que base comum pode se assegurar tal entendimento quando há tantas disparidades no acesso ao próprio conhecimento? Supor que a condição de doutor ou de especialista em dada obra de qualquer que seja a área do saber é condição suficiente para compreender os avanços que ocorrem em dada área parece ilusório. Com isso, pode-se compreender a preocupação de Bourdieu em muitos momentos da obra e de entrevistas, mas especialmente nos cursos transcritos do *Collège de France* em ofertar uma base do conhecimento de seu pensamento de maneira que a audiência começasse a adentrar no universo de sua teoria.

#### 4. Os desafios de enfrentar Pierre Bourdieu hoje

A discussão aqui proposta teve como ponto de partida a provocação deixada por Loïc Wacquant a respeito da possibilidade de enfrentar a obra bourdieusiana por meio da *mimese* e não da exegese. Tal provocação possibilitou buscar na obra bourdieusiana o *modus operandi* do autor como forma de compreender a maneira como procedeu na elaboração de uma teoria autoral. Compreender seu *modus operandi* foi o caminho para elencar o entendimento que faz a respeito do *auctor* e do *lector*. Tal entendimento foi necessário para entender a exigência que os pesquisadores de sua obra enfrentam, muitas vezes inconscientemente: a exigência de um pesquisador ativo. O que significa isso propriamente dito?

Enfrentar Pierre Bourdieu requer enfrentá-lo como o criador de uma obra singular, o criador de um pensamento peculiar que ofertou a refundação da própria sociologia. Respeitar não é endeusar, mas mergulhar nos artigos, nas entrevistas, nos livros, nas conferências e, atualmente, nos seminários transcritos. Advoga-se o respeito pelo espírito bourdieusiano, pelo esforço em pensar o que até aquele momento estava confuso e disperso. Vale colocar que Bourdieu refere-



se ao *auctor* com alguém que reúne o que está ali e ninguém consegue ver (Bourdieu, 1990). O que ainda não conseguimos ver de sua obra? É uma questão em aberto. No entanto, ao valer-se de sua condição de *outsider*, Bourdieu forjou seu próprio estilo de pesquisar a fim de superar as dicotomias das teorias de sua época e as classificações que obras e pensadores sofrem dedicando-se a buscar o fio condutor que pensadores ditos de escolas opostas possuíam em comum.

O mergulho referido acima atrai buscar os fios soltos que deixou além de buscar posicioná-lo no campo intelectual francês da época em que se formou e a partir do qual se ergueu como sociólogo. Com quem e contra quem seus escritos foram redigidos ou palavras foram proferidas? Algo que vai além dos teóricos com os quais dialogou. Em suma, uma investigação que não se faz de maneira isolada, mas coletivamente. O próprio Bourdieu exercia esse pensar coletivamente em seus grupos de pesquisa e ao tratar da leitura interpretativa almejava que tal leitura fosse ensinada, transmitida como uma ação coletiva: *ce travail formidable ne serait pas l'affaire d'un seul homme mais tache de tout une equipe* [esse trabalho formidável não seria o assunto de um único homem, mas tarefa de toda uma equipe]. (Bourdieu, 2016, p. 17). Bourdieu deixa essa *pro-vocação* para os professores, professores-pesquisadores e pesquisadores interessados em sua obra. Como viabilizar tal coletivo em tempos em que a academia se encontra premida entre a produção seriada de artigos, livros/e-books, eventos e sua própria sobrevivência?

A proposta de um pesquisador ativo compreende-se na linhagem de um *lector* ativo, a qual pode se instigar a alcançar ser *auctor*. Na esteira bourdieusiana almejar superá-lo impõe desafios relevantes no contexto atual brasileiro. Um dos desafios é o acesso à obra bourdieusiana para os estudantes e pesquisadores latinos devido à defasagem temporal entre a produção da obra e as traduções realizadas. A recepção de Pierre Bourdieu no Brasil tem início no final da década de sessenta, a qual é resultado do contato de doutorandos com a academia francesa. (Catani; Catani & Pereira, 2001; Ortiz, 2013). Desde então, a teoria bourdieusiana segue um ritmo crescente de apropriação por parte de várias áreas do conhecimento e, especialmente nos últimos anos a publicação de novas traduções de obras já traduzidas e outras como os cursos do *Collège de France* melhoram as condições de possibilidade de sua pesquisa. No entanto, a pesquisa via tradução é uma pesquisa que possui um mediador, o que acarreta considerar esse fator.

Contudo o desafio mais relevante se encontra na sobrevivência da própria academia brasileira. A crescente mercantilização do conhecimento, a certificação em massa ambas resultantes do processo de instrumentalização da educação (Junior & Kato, 2012) se agrava ano após ano. Um processo que esvazia silenciosamente o papel da Universidade e, por consequência, coloca em xeque os próprios pesquisadores que se encontram pressionados entre manter sua sobrevivência e suas pesquisas. Nessa esteira, como exercer a autonomia intelectual em tempos de escassez material, moral e cívica? A produtividade acadêmica incentivada por um sistema de avaliação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* se, por um lado, incentivaram a internacionalização e a melhoria das pesquisas, por outro lado, tem aprofundado a competição entre pares via a produção acadêmica e a publicação em revistas qualificadas como de excelência. Esse aprofundamento ameaça a coletividade que projetos de pesquisa requerem (Patrus et al., 2015). Nesse contexto,

como exercitar a criatividade e a imaginação necessárias para construir teses e argumentos? Como escrever livremente quando a quantidade suplanta a qualidade? Como publicar sem o constrangimento de normas que não se entende para que servem e para quem interessam?

Nesse contexto, o exíguo tempo para realizar mergulhos em obras da envergadura da obra bourdieusiana se esvai. Os pesquisadores e os estudantes de todos os níveis – graduação e pós-graduação *stricto sensu* – sofrem os efeitos de um tempo inexistente, o tempo da maturação do pensamento. Paul Virilio (2005) referiu-se à mudança de paradigma que chegava junto com as tecnologias da informação e da comunicação: a velocidade suplantando o espaço-tempo. A velocidade como o signo deste século, se coloca na contra mão de uma pesquisa ativa. Este que pode ser considerado o maior desafio na medida em que a pressão para fazer substitui o pensar, o motor que permite realizar mergulhos em obras tão densas, ricas e complexas como é a de Pierre Bourdieu.

## 5. Conclusão

A trajetória percorrida ao longo deste estudo priorizou ofertar uma visão de Pierre Bourdieu como autor de sua própria obra. O objetivo final foi tecer elementos que possam combater a tendência a canonizar ou a desprezar um autor que ainda tem muito a ofertar. Igualmente se objetivou elencar alguns desafios advindos da própria obra vinculados ao contexto atual. Bourdieu construiu seu pensamento com e contra sua origem social em um período conturbado do pós-guerra, um período de profundas mudanças sociais, econômicas e políticas. Atualmente vive-se em um período turbulento, carregado de conflitos e temores, o mais recente a epidemia do COVID-19.

A comemoração vindoura dos vinte anos de seu falecimento atrai revisar a posição que Bourdieu ocupa no escopo das pesquisas, mas igualmente atrai observar o quanto essa obra ainda demanda ser compreendida. Uma obra que inspira a interdisciplinaridade, talvez uma saída para enfrentar a crise que acomete a filosofia, mas também a sociologia, a história, enfim, as ciências humanas. Com e contra os desafios elencados pode-se dizer que Pierre Bourdieu é um autor que dialoga com os tempos obscuros, temerosos e estranhos, no qual estamos embarcados.

## Referências

- Antoine-Mahut, D., & Lézé, S. (Orgs.). (2017). *Les classiques à l'épreuve, actualité de l'histoire de la philosophie*. Editions des Archives Contemporaines.
- Baring, E. (2011). *The young Derrida and French philosophy, 1945-1968*. Cambridge University Press.
- Berlattel, F., Borges, V.P. & Grill, I. (2020). Apresentação. *BIB*, (93), 1-4.
- Bourdieu, P. (1990). *Coisas Ditas*. (C. R. da Silveira & D. M. Pegorim, Trad.). Editora Brasiliense.
- Bourdieu, P. (1996). Qu'est-ce que faire parler un auteur? À propôs de Michel Foucault. *Sociétés & Représentations*, (3), 13-18. <https://doi.org/10.3917/sr.003.0013>
- Bourdieu, P. (1997). *Méditations pascaliennes*. Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (2001). Á contre-pente. Entretien avec Pierre Bourdieu. *Vacarme*, (14). <https://doi.org/10.3917/vaca.014.0004>
- Bourdieu, P. (2002). Entrevista. In P. Bourdieu, *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. (pp. 13-56). EdUERJ.
- Bourdieu, P. (2004) *Esquisse pour une auto-analyse*. Raison d'Agir.
- Bourdieu, P., Schultheis, F. & Pfeuffer, A. (2011) With Weber against Weber: Conversation with Pierre Bourdieu. (Translate by Simon Susen). In S. Susen, & B. S. Turner. *The Legacy of Pierre Bourdieu: Critical Essays* (pp. 111-124). Anthem Press.
- Bourdieu, P. (2015a). Secouez un peu vos structures! In P. Dubois, Y. Durand, & Y. Winkin (Orgs.), *Le Symbolique et le social. La réception international de la pensée de Pierre Bourdieu*. (pp. 343-359). Press Universitaires de Liège.
- Bourdieu, P. (2015b). *Sociologie Générale. Cours au Collège de France 1981-1983*. Seuil/Raison d'agir.
- Bourdieu, P. (2016). *Sociologie Générale. Cours au Collège de France 1983-1986*. (Vol.2). Seuil/Raison d'agir.
- Bonnewitz, P. (2006). *La sociología de Pierre Bourdieu*. Nueva Visión.
- Campos, L. A., & Szwasko, J. (2020). Biblioteca bourdieusiana ou como as ciências brasileiras vêm se apropriando de Pierre Bourdieu (1999-2018). *BIB*, (91), 1-25. <https://doi.org/10.17666/bib9108/2020>
- Catani, A. M., Catani, D. B., & Pereira, G. R. M. (2001). As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro através de periódicos da área. *Rev. Brasileira de Educação*, (17), 63-65. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782001000200006>
- Dortier, J-F. (2008). Les idées pures n'existent pas. In: L.-J. Calvet, R. Chartier, P. Corcuff, M. Fournier, N. Heinich, B. Lahire, J-C. Marcel, O. Martin, X. Molénat, L. Mucchielli, F.d. Singly, A. Touraine, V. Troger, & D.Wolton, *Pierre Bourdieu. Son oeuvre, son héritage*. (pp. 7-16). Sciences Humaines Éditions.
- Dosse, F. (1993). *Historia do Estruturalismo: O campo do signo, 1945-1966*. (A. Cabral, Trad.; v.1). Editora da UNICAMP.
- Folscheid, D., & Wunwnburger, J-J. (2006). *Metodologia filosófica*. (P. Neves, Trad.). Martins Fontes.
- Grenfell, M. J. (2004). *Pierre Bourdieu: Agent Provocateur*. Continuum.
- Joly, M. (2015). Excellence sociologique et vocation d'hétérodoxie: Mai 68 et la rupture Aron-Bourdieu. *Revue d'histoire des sciences humaines*, (26). <https://doi.org/10.4000/rhsh.2001>
- Lescourret, M-A. (2008). Pierre Bourdieu vers une économie du bonheur. Flammarion.
- Medeiros, C. C. C. de. (2013). Pierre Bourdieu, dez anos depois. *Educar em Revista*, (47), 315-328. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000100017>
- Ortiz, R. (2013). Nota sobre a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. *Sociologia & Antropologia*, 3, 81-90. <https://doi.org/10.1590/2238-38752013v353>

- Patrus, R., Dantas, D. C., & Shigaki, H. B. (2015). O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação *stricto sensu*: uma ameaça à solidariedade entre pares? *Cadernos EBAPE.BR*, 13(1). <https://doi.org/10.1590/1679-39518866>
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa* (tomo I). Papirus.
- Schrift, A. D. (2006). *Twentieth-Century French Philosophy: Key Themes and Thinkers*. Blackwell Publishing.
- Silva, J. R. Jr., & Kato, F. G. (2012). PNPG (2011-2020): certificação em massa, internacionalização e mercantilização do conhecimento. In J. R. Jr, Silva; A. M. CATANI, & V. J. CHAVES. *Consequências da mundialização da universidade pública brasileira Pós-graduação, trabalho docente, profissionalização e avaliação*. (pp. 11–28). Xamã.
- Virilio, P. (2005). *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real*. (P. R. Pires, Trad) Editora 34.
- Wacquant, L. (2016). Quatre principes transversaux pour mettre Bourdieu au travail (L. Drouet, Trad.). *Revue de l'Institut de Sociologie*, (86), 19–33. <http://journals.openedition.org/ris/379>
- Worms, F. (2009). *La philosophie en France au XXe siècle. Moments*. Gallimard.

---

#### AUTORA

**Olga Nancy Peña Cortés.** Doutora em Filosofia (PPG em Filosofia/PUCRS); filósofa; psicóloga clínica. Pesquisadora independente do Grupo de Pesquisa Ética da Tecnologia coord. Prof. Me. Davi Lago, Labô/PUCSP.